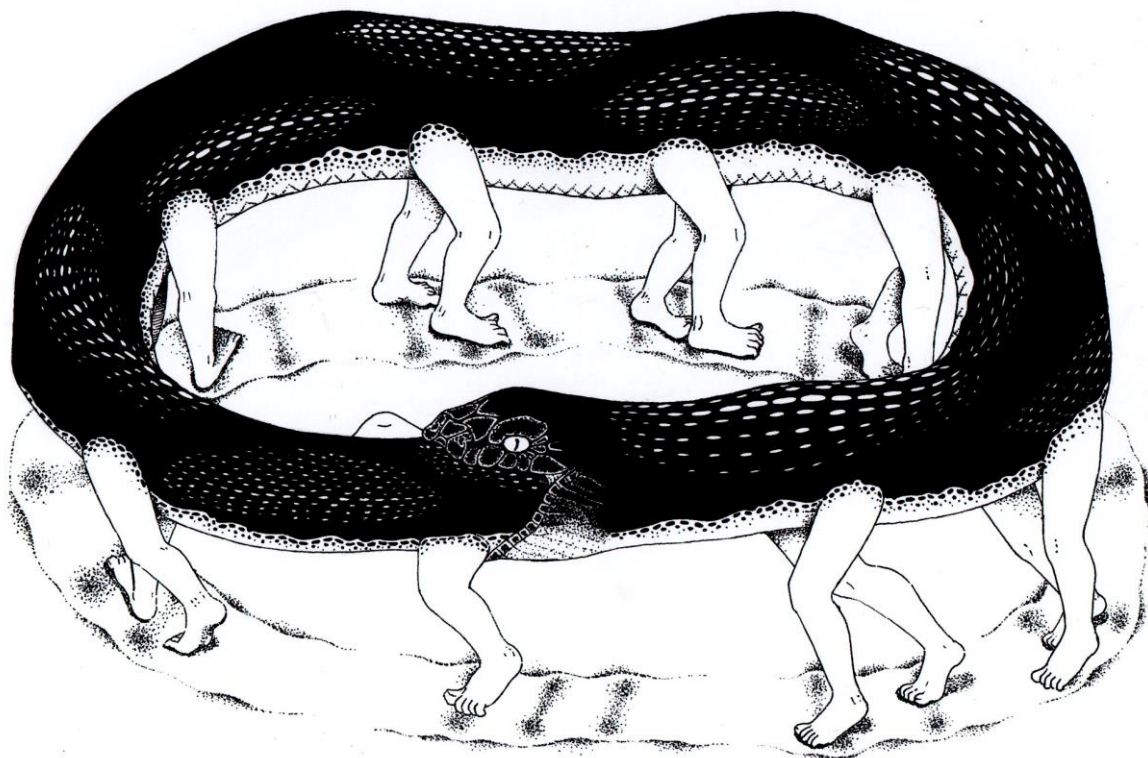


 **TERRITÓRIOS**  
**afrofuturistas**  
Novas narrativas para o sertão

**Diego Ribeiro**



# PENDEULO do TEMPO

**realização**

**RESSONÂNCIA  
PRETA**

**apoio**

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI  
ALDIR  
BLANC  
CEARÁ



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA MINISTÉRIO DO  
CULTURA TURISMO

PÁTRIA AMADA  
BRASIL  
GOVERNO FEDERAL

**Ilustrações: Rômulo Fideles**

**EQUIPE:**

**Organização: Kinaya Black**

**Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa**

**Revisão do texto: Samuel Maciel**

**Ilustração: Rômulo Fideles**

**Capa: Jason Felipe**

## O Pêndulo do Tempo

Diego Ribeiro

Bruna não enxergava mais o céu de Fortaleza, somente via uma grande superfície negra cobrindo o mesmo. Nela, símbolos côncavos da cor de ébano se formavam no meio desse plano, enquanto a própria realidade trincava na frente da jovem. Ela viu olhos de cor escarlate abrirem-se na superfície e escutou uma última voz, cuja imponência prenunciava a magnitude de algo além da sua compreensão: – A hora chegou... Agora que o limiar foi rompido, tudo estará em seu devido lugar. Não tenham aflição, meus filhos. Logo vocês não terão mais dor, nem medo, nem desespero. No novo lar, pacificamente viverão no esquecimento... E assim seremos felizes novamente.

As pequenas rupturas na realidade se partiram e Bruna e o restante da humanidade viram o mundo ruir. Se era um sonho, delírio ou pesadelo, ela não sabia. Mas o rompimento abrupto que surgiu perante a mesma foi seguido por uma enorme náusea mental. Ela sentia sua mente vagar por caminhos informes, vendo espectros rondando a visão disruptiva que tinha naquele lugar sem espaço algum.

Em um ato de proteção, Bruna fechou os olhos da alma e escutou a batida de sinos da Igreja, lembrança cativa de sua infância. Ouviu o som dos burburinhos da sua casa e sentiu-se de volta a um passado confortante. Quase como se brisas tocassem no seu rosto, ela percebeu os brilhos da memória afetarem seu coração. Em sua nostalgia, Bruna escutou novamente a voz:

– O passado guarda momentos eternos em nossa memória. Vê? Quão feliz você era, minha filha. Lembra-se dos momentos que vivia sem preocupação? Quando as chagas da pele e o ódio ancestral eram somente sombras ocultas na fantástica visão infantil...

– O que você quer?

– Eu sou um portal, apenas isso. Se desejar atravessar o horizonte até o nada, isso virá apenas de você. Assim como todos, eu também te darei a escolha... Eu lhe mostrarei a natureza deste mundo e, assim, você decidirá se quer ou não permanecer nele... Serei misericordioso, como bom Deus que sou...

– Quem é você?!

– Já disse. Eu sou um simples portal, mas se quer um nome para identificar a minha existência, pode me chamar de Nyame.

A visão do passado de Bruna se desfez na sua frente e a jovem foi levada em um grande turbilhão até uma superfície arenosa em um espaço com um fundo negro. Ela olhou ao redor dessa espécie de pequena ilha no meio do nada e não encontrou ninguém.

Em um momento, da areia do local, formou-se uma figura humanoide, revestida com um manto branco e uma máscara de ébano. Os seus olhos emitem um intenso brilho escarlate e a sua presença majestosa condiz com a manifestação de um verdadeiro Deus. A figura estende sua mão e Bruna vê nela uma massa em formato redondo:

– Dessa matéria farei uma vida. Com ela, poderei expor a você os segredos da existência.

A jovem vê a pequena massa tomar forma na mão de Nyame. O Deus coloca a mesma no solo arenoso e ambos veem um homenzinho nascer daquela matéria.

– Agora veja quão desajeitado é. Mal consegue andar, olhar ou sequer ter ciência do que faz. Ele ainda é uma existência vazia no meio da eternidade. Vamos mudar tudo, agora acrescentemos uma companhia e um lugar mais vivo...

O homenzinho ainda andava de forma destrambelhada, enquanto em sua volta surgiram outros seres como ele, assim como plantas, florestas e animais apareciam naquela superfície, antes arenosa. Mas algo ainda estava estranho:

– Não adianta. Mesmo tendo alguém como ele, mesmo tendo um lugar, mesmo tendo um mundo dentro de seu pequeno horizonte, ainda não adianta. Foi isso o que eu percebi, minha filha. Faltava algo para completar a existência humana, um fator que encerrasse minha obra... O que acha que faltava?

– Uma história – disse Bruna olhando fixamente para a divindade.

– Sim, era isso.

Nyame apertou as suas mãos e a jovem viu seus olhos escarlate ficarem mais intensos. Quando ele as separou, Bruna viu uma luz negra concentrada na frente do Deus. O brilho desceu lentamente até se dividir e possuir os seres de massa que ainda viviam perdidos. Ao entrar em contato com eles, a luz os deu vigor e movimentou as pequenas criaturas.

Elas começaram a se organizar compartilhando as histórias que haviam adquirido e, a partir disso, criando outras também. Bruna viu os homenzinhos se reunirem em agrupamentos, dividirem a pequena terra que tinham e brigar pela mesma ou pelos animais.

– Quantas vezes eu não presenciei essa cena? Depois de compartilhar as narrativas cósmicas a humanidade sempre ganhava vida; personalidades eram formadas; religiões vinham à tona; histórias épicas, dramáticas, dentre várias outras, eram contadas... Diversas comunidades humanas surgiam, dos cantos mais remotos até os locais mais abundantes. E para quê? A essência da humanidade é a narrativa, pois ela que proporciona o significado para o Ser Humano viver no meio do nada... Eu compreendi isso... Mas essa mesma virtude que dei de presente também era usada para justificar o declínio da própria humanidade.

A jovem viu as criaturas de massa guerreando na luta por recursos e na briga pelas terras até elas se tornarem novamente pó. Ela volta seu olhar para Nyome e diz:

- Por que você me mostrou isso? O que você quer?
- Somente compartilhar o que eu aprendi. Mesmo que eu tenha proporcionado as narrativas para a minha criação, ela nunca se tornava perfeita. Era sempre autodestrutiva, arrogante e vil, mesmo que seja insignificante... Não, não vale a pena continuar com isso.
- Você quer acabar com tudo assim? Não importa se os humanos erram, cada um vive a vida do jeito que pode, ainda que seja difícil, nós conseguimos construir um significado e vivemos da forma como podemos, sendo felizes e tristes em alguns momentos... Você não pode acabar com tudo só por um capricho...
- Um capricho? É ingenuidade sua considerar isso. Somente cheguei à inevitável conclusão da estupidez da existência humana, eu percebi o fracasso da minha criação.

A figura de Nyame desaparece na frente de Bruna que mais uma vez sente-se envolta em um redemoinho furioso, migrando para outro lugar. Quando isso passou, ela sentiu sua mente disforme, tendo na sua frente um cenário não euclidiano, com figuras não planas e com deformidades geométricas que enlouqueceriam uma visão comum. No meio daquele cenário caótico, ela escutou novamente a voz do Deus:

- Viaje! Viaje pelos planos além da compreensão humana e note... que você, assim como toda a humanidade é somente um pensamento insignificante no meio do

nada... Uma fagulha tola e egoísta a vagar pela eternidade... Por muito tempo a humanidade seguiu, por muito tempo ela ruiu... Todos os mundos que eu criei acabaram da mesma forma... Todos foram destruídos pelos seus próprios moradores... Em todos os mundos a existência tornou-se uma maldição para alguns e uma benção para outros... Agora, eu não quero mais errar! Tudo acabará. Irei pôr um fim nessa eternidade.

Bruna sentiu sua mente migrar infindáveis distâncias em realidades cuja estrutura não conseguia conceber, posto que desafiavam o próprio formato do espaço que ela conhecia. A jovem sentiu o peso, o frio e o vazio da eternidade em sua alma, era como se um buraco informe se abrisse no seu peito e a devorasse por dentro.

Tudo parou abruptamente. Bruna sentiu-se novamente em um corpo humano, mas não parecia o dela. Ela agora era como uma espectadora dentro de outra existência. Abriu os olhos e contemplou várias pessoas negras, como ela, ao seu redor. Todas estavam com algemas. Em um local próximo, alguns homens brancos faziam vistorias em algumas crianças, como se elas fossem animais.

Ela tremia de medo e ficou sufocada de terror ao ver um homem se aproximando dela. Fechou os olhos. Quando abriu novamente, viu-se deitada e sentiu golpes dilacerantes de chicote nas costas. A dor física se misturou com um desespero quando ela enxergou perto de si uma criança negra chorando e gritando. Fechou os olhos.

Ela até não queria abri-los novamente, mas não escapou de outra tormenta. Bruna sentiu em seu recolhimento o esvaziamento da sua alma, o medo da morte, o medo da vida, a esperança quebrada pelas chamas do ódio, a depressão pela perda de significado, o vazio da alegria, o desejo de nunca ter existido. Os sentimentos múltiplos eram banhados pelas imagens de vidas negras que nunca viveu, mas que agora sentia.

O peso daquela realidade a fez querer gritar, mas o som da agonia de sua alma não saía, ou melhor dizendo, não conseguia sair. A intensidade aumentava em limites insuportáveis, enquanto Bruna mal suportava as dores de séculos concentrados em poucos instantes. Finalmente, ela consegue enxergar novamente, mas essa era outra realidade.

A jovem viu-se em um espaço branco, repleto de nuvens e na sua frente estava Nyame. Ele tirou sua máscara e Bruna enxergou um homem negro calvo, dessa vez com um brilho dourado nos olhos:

– O Pêndulo do tempo seguirá a mesma rota infinitamente. Mas, pela primeira vez, vocês terão a chance de escolher. Se quiser continuar, tudo o que viu e sentiu será revivido como uma chaga eterna na pele de seus irmãos. Se não quiser, então a eternidade terá um fim e nunca mais essa realidade voltará a acontecer. Diga-me, o que irá escolher?

Bruna olhou fixamente Nyame até esboçar um sorriso e com sua decisão quebrar o pêndulo do tempo e encerrar a existência anterior. O Deus ficou parado na frente da jovem até também começar a desaparecer, tornando-se poeira. Ela viu a divindade sumir na sua frente e despertou para o novo mundo.

Não era aquele vazio prometido pela divindade pessimista, mas uma nova vida, diferente da que tinha visto e vivido. Um novo recomeço para a humanidade, vindo da confiança de uma nova Deusa.